

A Subversão pelo Riso: Estudos Sobre o Carnaval Carioca da Belle Epoque ao Tempo de Vargas

Rachel Soihet. Editora: Fundação Getulio Vargas

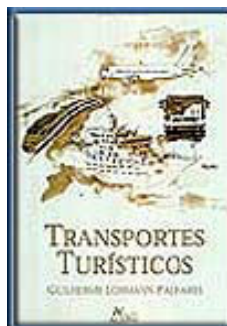
pela Tur^a Maria Anita Buthod

O que é hoje um megashow, já foi um pequeno desfile de trinta pessoas. Hoje passa na TV. Na década de trinta - do século passado, nem havia TV. Hoje há um Sambódromo de concreto. Antes, era na base da cordinha. A partir das próximas linhas, tem-se meio século em "desfile", com décadas e mais décadas de conflitos e tensões sociais e, portanto, de transformações: o Carnaval carioca.

Historiadora da cultura, Rachel Soihet é também uma das raras acadêmicas brasileiras a se interessar pelas festas religiosas ou festas profanas, mais especialmente pelo Carnaval carioca, cuja pesquisa lhe inspirou um livro notável.

Ao colocar em foco a participação dos segmentos subalternos no Carnaval do Rio de Janeiro, desde os primórdios da República ao ocaso da ditadura getulista, assim como a sua presença em festas religiosas e carnavalesca - Festa da Penha, Soihet realiza uma incursão pelo terreno etnográfico, proporcionando um significativo aumento de conhecimento histórico à diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais.

Sob esse novo olhar, normas, valores e rituais com relação a inúmeros aspectos da



vida deixam de ser vistos como fragmentos do folclore e passam a ser contextualizados. É preciso ultrapassar a forma e observar as relações sociais que nela se expressam.

O tema da festa constitui o palco onde a dialética dominação/resistência marca presença, possibilitando à historiadora, munida de métodos e técnicas, atentar para os aspectos que forneçam as vias de acesso a uma realidade quase inatingível.

Explorado com enorme competência por Soihet, o tema ganha vida uma vez que o fio condutor do livro é a idéia de que as manifestações de origem negra seriam produto de trocas culturais entre os diferentes segmentos da sociedade brasileira, e fruto da resistência desenvolvida pelos populares e de mudanças na posição dos dominantes, num dado contexto histórico.

O livro divide-se em seis capítulos. Nos primeiros capítulos, Soihet explora questões teóricas fundamentais. Cotidiano, tal como cultura, circularidade cultural, são conceitos trabalhados numa perspectiva de recuperação e reconstituição de aspectos expressivos do universo cultural dominante, imbricados em elementos próprios da cultura popular, com suas tradições, seus símbolos e suas práticas.

Comprova a eficiência de seus conceitos, mostrando que, na Festa da Penha, configurava-se uma situação na qual se intercambiam idéias e valores, através de estruturas sociais de comunicação informal, ainda num determinado contexto histórico, qual seja, de definição do novo zoneamento desenhado pelos projetistas do controle social e da disciplina (chefes de polícia, juristas, etc), que acompanhava as modificações introduzidas pelas reformas urbanísticas, de 1902-1906, inscritas no contexto do ideário republicano recém-inaugurado de ordem e progresso, que possibilitava o aburguesamento da cidade do Rio de Janeiro.

Sua sugestão é a de que tal interpretação não é sinônimo de total pacificidade, já que a Festa da Penha foi palco de fortes lutas; nela, os populares trouxeram à tona suas tensões e insatisfações contra o preconceito legitimado pela repressão policial e a intolerância difundida nos mais variados setores com relação à Festa da Penha; além de sua indesejável presença física no local.

Debruçando-se sobre a rejeição às formas populares de expressão, aludidas por intelectuais, cronistas, viajantes, Soieht desvela as formas de atuação e resistência dos subalternos, enfatizando a iniciativa e o esforço dos mesmos em imprimir naquela manifestação - Festa da Penha - de início preponderantemente portuguesa, a marca da cultura negra. Deste modo, os populares garantiram não só a sobrevivência mas a difusão de suas manifestações culturais, fundamentais, segundo a autora, para o acordo que possibilitou seu reconhecimento posterior como símbolo da identidade nacional.

Dos capítulos centrais formigam relatos deliciosos, convidando o leitor a viajar no tempo que tem início no alvorecer da República, com a festa popular, nomeada

jogo de entrudo, passando pelo "novo" Carnaval de máscaras, vindas de Paris e Veneza, e ricas fantasias, segundo "os usos e costumes" da Europa, e vai até o tempo de Vargas. Mas, também desfilam cordões - apresentando "sentimento de hierarquia e de ordem" ; grupos, clubes e blocos - caracterizados pelo deboche, paródia e irreverência; e ranchos - apresentando organização e disciplina. Essas agremiações, que não se detinham em denominações conceituais, defendiam suas bandeira não raramente no braço.

Ao desvendar as origens e a trajetória dos sambas e marchas do carnaval carioca, destaca o fato de que as escolas surgiram em fins dos anos 20 - do século passado, sintetizando elementos de blocos, ranchos e sociedades, e influenciando a música popular, especialmente o samba, e a música erudita. Caberia às composições de origem negra, até então desprestigiadas, o papel expressivo na veiculação de um novo estilo de vida, devido às transformações estruturais da sociedade.

Atribui a ascensão das escolas e do samba a partir do momento em que Vargas começou a valer-se da música popular e das agremiações carnavalescas como veículo para a integração dos populares ao seu projeto de construção da nacionalidade. Ao mesmo tempo, tomaria vulto o esforço de líderes populares para firmar sua participação no sistema vigente, garantindo, assim, a presença reconhecida de suas manifestações nas ruas da cidade. Dessa coincidência de interesses, o Carnaval popular é o que se fixou nas escolas, tornando-se o samba sua música característica, isto é, símbolo da sociedade brasileira.

Também, aqui, Soieht sugere que, neste período, caracterizado pela consolidação do capitalismo, marcado por um regime repressivo, a resistência se fez sentir pelos populares, num processo de luta contínua,

com perdas e ganhos, ao tentar inibir as pretensões do Estado de impor uma ação homogeneizada e disciplinadora. Também revela a resistência das mulheres à camisa-de-força que se lhes pretendiam impor para inibir a expressão de seus desejos, em sua variada significação, ao se utilizarem igualmente da festa de Carnaval para entrar no reino do prazer.

Lembra que, devido à mudança de perspectivas dos grupos no poder com relação a cultura popular, o Carnaval tornou-se atração turística, sendo criados departamentos de turismo.

Esgrimindo com a socióloga, Maria Isaura Pereira de Queiroz, e o antropólogo, Roberto Da Matta, a autora não se furta às merecidas estocadas nos comentários conflitantes com sua pesquisa. Rompe com a narrativa tradicional e constrói seu trabalho com abundante informações pertencentes ao campo da memória.

Notável é o domínio de fontes integradas a uma visão articulada do processo histórico, e de um conjunto de princípios e métodos que, em tudo, enquadram-se como método indiciário; fundado num "rigor flexível", nele, as regras não se prestam exclusivamente a ser formalizadas e ditas.

O que é absolutamente pioneiro nessa obra é a desmontagem realizada por Soihet da idéia, primeira, de que aqueles que identificam o lazer popular como uma válvula de escape, ou seja, " que o povo se divirta livremente, que ao menos por algumas horas esqueça as agruras da vida e a opressão dos potentados ", possuem uma perspectiva simplista, que implica a ocultação dos significados sociais de diversos grupos sociais. A outra, é a de que aqueles que percebem o Carnaval como " um recurso utilizado pelo poder para manipular e reforçar a ordem vigente, capitalizando em proveito próprio os excessos nele

manifestos ", não o concebem com " um instrumento de ação eventualmente modificadora, no sentido de uma mudança social e de um progresso possível na sociedade em seu conjunto ".

Recusando abordagens simplistas, Soihet nos convida a pensar as práticas culturais, ou seja, a nos pensar. Convide, no caso desse livro, irrecusável.